

conhecedor profundo dos assuntos filológicos. Exerceu as funções de lente de Português, Geografia e Literatura do Liceu do Ceará, estabelecimento de instrução em cuja direção esteve mais de uma vez. Criada em 1903 a Faculdade Livre de Direito, foi dos primeiros cearenses a nela se inscrever, conquistando tempos depois a carta de bacharel em ciências jurídicas e sociais. Militou na política, havendo exercido o mandato de Deputado Estadual em diversas legislaturas e os cargos de Secretário da Fazenda e Chefe de Polícia. Escreveu vários discursos e artigos de colaboração em jornais, com a correção que lhe era peculiar. Faleceu em Fortaleza, a 26 de julho de 1934. Obras principais: *Relatório de Secretário Interino dos Negócios da Justiça* (1908); *Relatório de Chefe de Polícia* (apresentado ao Presidente do Estado em 26-6-1908); *Plaudite, cives!* (discurso, pronunciado em 1915, por ocasião do regresso a Fortaleza do ínclito Arcebispo D. Manuel da Silva Gomes, que fora aos Estados do Sul esmolar em benefício dos cearenses, vítimas da seca); *Medicina e Farmácia* (publicado no *Almanaque do Ceará*, de 1922); *Discurso* (pronunciado na sessão cívica de 10 de setembro de 1922, promovida pela Escola de Comércio da Fênix Caixeiral.)” (Alb. Amora).

## 9

JUSTINIANO DE SERPA. Nasceu em Aquirás, no dia 6 de janeiro de 1856. Filho de pais humildes, subiu no entanto aos altos píncaros da inteligência, à custa do seu pujante talento e da sua edificante vontade de vencer. “Majestosa coluna coríntia feita com o barro pobre de Aquirás, cozinhado em fina e reluzente cerâmica. A beleza ariana dos seus cabelos emoldurava as feições somáticas do caboclo nordestino” — assim o perfilou Raimundo Girão. Fez quase por si, sozinho, os estudos primários, roubando minutos ao mister de caixeirinho de loja em sua cidade natal. Vindo para Fortaleza (1880), aproveitaram-no no corpo redatorial da *Constituição*, velha folha conservadora, da qual depois se fez redator

principal. Era o começo da sua longa, agitada e vitoriosa vida jornalística e política. Formou o espírito em luta incessante, consolidando superior cultura literária e científica. A oratória foi um dos seus grandes dons e fascínios. Pô-la em função destemida, como um dos dirigentes, nos movimentos cívicos que deram como resultado a extinção da escravatura e a proclamação da República. À primeira dessas propagandas emprestou o calor do seu estro poético. Em tudo, “um estilo imaginoso, sem o abuso dos tropos, mas cintilante e vivo, sem pompas retóricas nem as rasteirices da vulgaridade”. Bacharelou-se, em 1888, pela Faculdade de Direito do Recife. Da ciência jurídica foi mestre catedrático na Faculdade do Pará, tendo sido desta Vice-Diretor. Galgou as alturas de juriconsulto, quando, no Parlamento Nacional, representando o Estado paraense (de 1906 a 1919), com o mandato sempre renovado, doutrinava sobre o Direito Civil e o Cambial. Fora, antes, Deputado à Assembléia Provincial cearense, em várias legislaturas. Presidente do Ceará, no quadriênio 1920-1924, não o terminando, porém, em virtude de haver falecido, em 1º de agosto de 1923. No seu governo algumas importantes reformas se efetuaram, inclusive a da Constituição do Estado e a do Ensino Primário, obediente a moderna orientação técnica. Sob os seus auspícios veio esta Academia a reorganizar-se em 1922.

Publicou, além de outros trabalhos: *Oscilações* (poesia), 1883; *Três Liras* (com Antônio Bezerra e Antônio Martins — versos de propaganda abolicionista), 1883; *Sombras e Clarões* (poesias), 1885; *A Educação Brasileira — Seus Efeitos Sobre o Nosso meio Literário* (tese de concurso à cadeira de Literatura Nacional, no Ginásio Amazonense, Manaus), 1896; *Reforma da Legislação Cambial* (discursos parlamentares), 1907; *Questões de Direito e Legislação* (Discursos e Pareceres), 1920.

ÁLVARO Teixeira MENDES. Nasceu em Teresina, Piauí, a 25 de julho de 1863. Filho do desembargador Antônio de